

CONHECIMENTO SOBRE ALEITAMENTO MATERNO EM PUÉRPERAS PRIMÍPARAS DO MUNICÍPIO DE BARBALHA-CE

Andressa Pereira do Carmo (1); Michely Torquato Ferrer (2); Alana Kelly Maia Macedo Nobre de Lima (3); Anúbes Pereira de Castro (4); Juliana Ribeiro Francelino Sampaio (5)

(Universidade Federal de Campina Grande, andressapcarmo@hotmail.com; Faculdade de Juazeiro do Norte, michelyferrer@bol.com.br; Universidade Federal de Campina Grande, alana.nobre@hotmail.com; Universidade Federal de Campina Grande, anubes@bol.com.br; Faculdade de Juazeiro do Norte, jrfs22@hotmail.com)

RESUMO: A amamentação é uma das maneiras mais eficientes de atender os aspectos nutricionais, imunológicos, psicológicos e o desenvolvimento de uma criança no seu primeiro ano de vida. Perpetua uma herança sociocultural, o que determina diferentes significados sobre aleitamento materno. O presente estudo foi realizado na cidade de Barbalha no estado do Ceará, no ano de 2015, com o objetivo de identificar os principais mitos e crenças relacionados ao aleitamento materno por parte das puérperas primíparas. Foi realizada uma pesquisa do tipo transversal descritiva com abordagem quantitativa onde foram entrevistadas trinta puérperas primíparas atendidas no Centro de Aleitamento Materno na referida cidade. Os dados foram coletados por meio de um questionário estruturado. Os resultados mostraram que ainda há vários mitos e crenças fortemente adotados pelas puérperas que justificam a complementação precoce, de acordo com as mães. Os mitos e crenças que surgiram sobre o aleitamento materno foram: “leite fraco”, “pouco leite”, “o bebê não quis pegar o peito”, “o leite materno não mata a sede do bebê” e “os seios caem com a lactação”, os quais evidenciam a insegurança da mulher ante questões do cotidiano materno durante a amamentação, tais como a produção de leite materno de qualidade e em quantidade suficiente para o bebê; a época correta para a introdução de água e/ou outros líquidos para o bebê, dentre outros aspectos. Algumas mudanças são essenciais nas práticas de saúde no que se refere ao atendimento gravídico-puerperal baseado em orientações pautadas no biológico.

Palavras- chave: Aleitamento Materno, Nutrição, Período Pós-Parto.

INTRODUÇÃO

O leite materno é o alimento ideal para o lactente devido às suas propriedades nutricionais e imunológicas, protegendo o recém-nascido de infecções, diarreia e doenças respiratórias, permitindo seu crescimento e desenvolvimento saudável, além de fortalecer o vínculo mãe-filho e reduzir o índice de mortalidade infantil (MARQUES et al., 2011). A amamentação é uma das maneiras mais eficientes de atender

os aspectos nutricionais, imunológicos, psicológicos e o desenvolvimento de uma criança no seu primeiro ano de vida (LANA et al., 2001).

Segundo Del Ciampo et al. (2004), surgem a cada dia novos fatos sobre os benefícios da amamentação, não se restringindo apenas ao período da lactação, mas estendendo estes benefícios para a vida adulta com repercussões na qualidade de vida do ser humano.

Para que o ato de amamentar ocorra de forma efetiva, é necessário que durante o pré-natal, seja ensinado à gestante a técnica correta de amamentar o recém-nascido (EUCLYDES, 2005). Durante o pré-natal, o profissional de saúde deve atentar para os conhecimentos, vivências e crenças que as gestantes possuem para que a promoção do aleitamento materno atinja os seus objetivos, garantindo assim uma efetividade e vigilância da assistência da mulher no pós-parto (ALMEIDA; FERNANDES; ARAÚJO, 2004).

Antunes et al. (2008) descrevem que as informações transmitidas culturalmente acarretam na decisão de amamentar ou não, pois o vínculo avó-mãe-filha transmitem as informações culturais assim como as crenças e os tabus, fazendo parte de uma herança sociocultural, o que determinam diferentes significados sobre aleitamento materno para a mulher.

Tendo em vista que a cultura, a crença e os tabus influenciam de forma crucial a prática da amamentação, Lacerda (2002), diz que o sucesso da promoção da amamentação também está relacionado aos programas de diversas naturezas e a valorização do hábito cultural.

O fator cultural constrói o saber do homem. As crenças e os tabus fazem parte

desta construção como heranças socioculturais, determinando diferentes significados do aleitamento materno para a mulher (MACIEL, 2006).

Para Stuart e Laraia (2001), o sistema de crenças exerce um papel vital, determinando se, certa explicação e o plano de tratamento a ela associado serão significativos para o indivíduo e para as pessoas da rede social.

Uma das causas das crenças se manterem vivas mesmo depois de séculos, se deve à transmissão entre gerações, as quais as segregam, por meio de expressões simbólicas, mediadas por imagens, contos, cartas e valores, transmitidos de maneira que envolve a parte afetiva e emocional do ser humano (BRANDÃO et al., 2006).

Para o mesmo autor, mitos e tabus delimitam crenças familiares, as quais surgem por meio das relações entre os parentes e têm a finalidade de cooperar para a formação da identidade cultural do círculo familiar o que ajuda a potencializar a permanência desse saber no mundo.

Diante do exposto, este estudo propõe responder ao questionamento “Quais são os principais mitos e crenças sobre aleitamento materno que são possíveis fatores de interferência para a amamentação em puérperas primíparas?”.

Para essa pesquisa, objetiva-se identificar os principais mitos e crenças relacionados ao aleitamento materno por parte das puérperas primíparas, residentes no município de Barbalha-CE e verificar qual o significado da amamentação para as mães.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal descritivo com abordagem quantitativa.

O estudo foi realizado nos meses de dezembro de 2015 à janeiro de 2016 no Centro de Aleitamento Materno (CAM), localizada no município de Barbalha, situado ao Sul do Estado do Ceará.

A escolha do lócus da pesquisa se justifica pelo fato da instituição possuir um serviço de referência em aleitamento materno, sendo local de encaminhamento de toda a rede de Estratégia de Saúde da família (ESF) do município, relativo a questões de amamentação.

Fizeram parte dessa pesquisa, puérperas que frequentavam o CAM da cidade de Barbalha-CE, e que se enquadraram nos seguintes critérios de inclusão: Serem usuárias, cadastradas e que frequentem às consultas; Serem primíparas e; possuírem, no mínimo, 18 anos de idade.

Foram excluídas as mulheres que não apresentem condições de responder aos questionamentos, menores de idade, que não

sabiam ler nem escrever e se recusassem a assinar o termo.

Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário, contendo perguntas objetivas, abordando dados pessoais, a história reprodutiva e aspectos relacionados aos mitos e crenças sobre o aleitamento materno para o binômio, mãe e filho.

O estudo foi realizado nas seguintes etapas: Apresentação do pedido de autorização à instituição para a realização do trabalho; Escolha das participantes da pesquisa; Aplicação do pré-teste em outra instituição, para avaliar se o instrumento a ser utilizado está compreensível e se atende às perspectivas das informações requisitadas; Organização dos dados coletados e; Análise e interpretação dos dados.

Para a aplicação dos instrumentos e técnicas de pesquisa foram adotadas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, que constam na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde (BRASIL, 2012).

Este estudo contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com número de protocolo: 1.334.380.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 30 mulheres puérperas primíparas que estavam sendo acompanhadas no CAM e se enquadraram nos critérios de inclusão. Os resultados obtidos deste estudo estão descritos a seguir.

Conforme dados coletados, 53% dos partos foram cesáreos, onde 40% das gestantes entrevistadas disseram ter feito pelo menos seis consultas pré-natais.

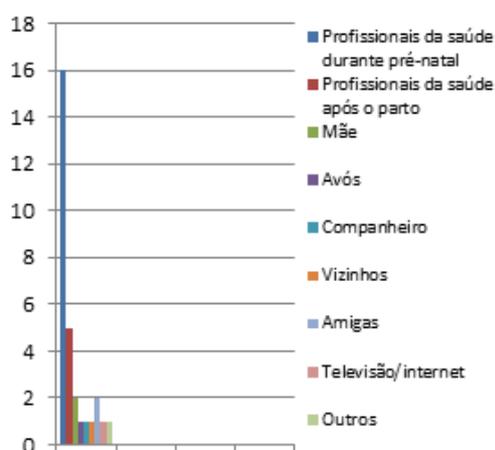


Gráfico 1 Fonte de informações sobre amamentação durante o pré-natal, Barbalha, 2015. **Fonte:** Dados da pesquisa

Quanto ao recebimento de orientações sobre amamentação durante o pré-natal, 64% disseram que os profissionais da saúde que realizaram o pré-natal foram os maiores incentivadores da prática da amamentação.

Ao serem questionadas sobre o leite materno, 60% responderam que não consideram que o leite materno possa ser considerado fraco em algumas mulheres, 98%

relataram que o tamanho do seio não influencia na quantidade de leite e 79% não relacionaram a quantidade insuficiente de leite com choro persistente da criança.

Na pesquisa realizada por Vaucher e Durman (2005) no intuito de identificar as crenças de puérperas relativas ao aleitamento, verificou-se que muitas nutrizas relataram que consideravam seu leite fraco.

Gusman (2005), observou as nutrizas que atribuem à complementação precoce a justificativa de que o “leite não sustenta, leite era fraco”, se sentem mais amparadas, por esta ser uma crença aceita culturalmente. Contudo, no trabalho de Giugliani (2000), cujo objetivo foi avaliar os conhecimentos maternos em amamentação, observou-se que 64% das mães responderam que não existe leite fraco.

É pautada no desconhecimento das características inerentes do leite humano que a nutriz pode desconfiar de sua capacidade de produzir leite de “qualidade” para a criança, podendo assim iniciar precocemente a introdução de outros alimentos na alimentação do bebê – e é aí que o profissional de saúde deve atuar: informando a lactante sobre a composição do leite materno (EUCLYDES, 2005).

Segundo Vaucher e Durman (2005) constataram que muitas puérperas estudadas

tinham as seguintes opiniões “acho que tenho pouco leite” e “tenho muitas dúvidas se meu leite é suficiente para o bebê”.

No estudo de Arantes (1995), as mães relataram que a lactação é um fenômeno fortemente influenciado pelas suas emoções, constatando que estresse e ansiedade podem interferir na quantidade de leite produzido, pois quando estão estressadas, nervosas, ansiosas, elas observaram redução ou mesmo bloqueio na produção de leite.

No entendimento de Almeida (2004) e King (2001), quase todas as mães podem produzir leite, em quantidades adequadas ao bebê desde que as mesmas sejam autoconfiantes e que saibam posicionar corretamente a criança.

Das puérperas entrevistadas, 65% acreditam que o leite materno seja suficiente para matar a sede do bebê. Quanto ao conhecimento acerca da complementação do leite materno, 66% relataram que não seja necessário utilizar outros tipos de leites associados a amamentação (DADOS DA PESQUISA, 2015).

No que diz respeito às propriedades, o leite materno contém toda a água necessária a uma criança, mesmo em dias e locais quentes (KING, 2001). Contudo, na prática observa-se que a introdução de água e outros líquidos

tem sido realizada precocemente, antes dos seis meses.

A maioria das primíparas (54%) afirmaram que se o bebê arrotar no seio, pode causar inflamação. Quando questionadas se acreditam que os bebês possam não gostar do leite materno e por isso podem ignorar o seio da mãe, 57% das mães acharam que não.

A amamentação pode ser considerada uma prática natural e de fácil execução, bastando apenas a mãe “oferecer o peito, o leite sai e o bebê mama”, contudo, nos primeiros dias a criança pode ter dificuldades para sugar, por não haver costume com a situação. Dessa forma surge o mito que o bebê não consegue pegar o peito, podendo ser considerado também como um dos fatores para complementação precoce.

Nakano (2003) e Vaucher e Durman (2007) observaram, por meio dos relatos das mães participantes, a presença das figuras do “bebê não queria pegar o peito” e “meu bebê não quis sugar o seio”.

No que diz respeito a crença “os seios caem com a lactação”, 46% puérperas afirmaram acreditar que os seios podem cair após a amamentação.

Nesse sentido, o seio, ao mesmo tempo que atua como estímulo sexual masculino e como reforço à imagem da mulher, é também

relacionado com a maternidade, local de acolhimento, nutrição e proteção do bebê (ABUCHAIM, 2005).

A imagem que a gestante tem do seu corpo pode interferir na sua visão durante o aleitamento materno, de forma que a percepção negativa que amamentar causa flacidez, etc. pode contribuir para o insucesso da lactação.

Abuchaim (2005) observou que, embora a alteração no seio fosse considerada “natural” pelas mães, principalmente entre as que desejavam aleitar, ela nem sempre foi aceita. Os estudos de Ichisato e Shimo (2001) e de Vaucher e Durman (2005) mostram a presença do mito de as mamas caírem com a amamentação, através das falas das mães.

Para 90% das mães entrevistadas, a amamentação é vista como uma experiência agradável. Segundo King (2001) o vínculo mãe-filho é uma das vantagens do aleitamento materno, por possibilitar a união entre mãe e bebê, fortificando assim um elo precoce e forte que influenciará positivamente no desenvolvimento e no relacionamento da criança na sociedade.

No estudo de Gonçalves (2005), as lactantes relataram em seus depoimentos que a amamentação fez despertar o desejo de querer continuar o aleitamento, devido à aproximação entre mãe e filho – momento

para compartilhar afeto. Conforme exposto, visualiza-se a relação direta da lactação com o amor materno.

CONCLUSÃO

Os dados coletados apontaram que ainda há vários mitos e crenças fortemente adotados pelas puérperas, o que a evidência científica parece apontar para a importância dos mitos e crenças como possíveis causas que justificam a complementação precoce, de acordo com as mães.

Os mitos e crenças que surgiram sobre o aleitamento materno foram “leite fraco”, “pouco leite”, “o bebê não quis pegar o peito”, “o leite materno não mata a sede do bebê” e “os seios caem com a lactação”, os quais evidenciam a insegurança da mulher ante questões do cotidiano materno durante a amamentação, tais como a produção de leite materno de qualidade e em quantidade suficiente para o bebê; o choro da criança que, em geral, é associado a fome; a época correta para a introdução de água e/ou outros líquidos para o bebê, dentre outros aspectos.

Em relação aos significados do amamentar, as maiorias das puérperas veem o amamentar como um momento único, que oferece, além do alimento, afeto e proteção à criança, podendo influenciar positivamente no aleitamento e fortalecer o vínculo mãe-filho.

Nesse sentido, destaca-se a importância de que os profissionais de saúde conheçam o cotidiano materno e o contexto sociocultural a que elas pertencem, suas dúvidas, medos e expectativas, bem como seus mitos e crenças referentes ao aleitamento materno, para que possam desmistificar as crenças que influenciam de forma negativa na lactação.

Algumas mudanças são essenciais nas práticas de saúde no que se refere ao atendimento gravídico-puerperal baseado em orientações pautadas no biológico. O processo de reconstrução do atendimento implica a inserção de determinantes socioculturais, de familiares das lactantes nesse processo de educação em saúde, de maneira que dúvidas sejam sanadas, esclarecendo sobre os mitos e as crenças, bem como sua interferência na lactação. Assim, a atuação dos profissionais de saúde será realizada de forma mais eficaz na promoção, na proteção e no apoio ao aleitamento materno.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, E. S. V. **Vivenciando a amamentação e a sexualidade na maternidade**: “dividindo-se em ser mãe e mulher” [tese]. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2005.

ALMEIDA, N. A. M.; FERNANDES, A. G.; ARAÚJO, C. G. **Aleitamento materno: uma abordagem sobre o papel do enfermeiro no**

pósparto. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiás, v. 06, n. 03, 2004.

ANTUNES, L. S.; ANTUNES, L. A. A.; CORVINO, M. P. F.; MAIA, L. C. Amamentação natural como fonte de prevenção em saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 103-109, jan./fev., 2008.

ARANTES, C. I. S. Amamentação: visão das mulheres que amamentam. **J Pediatr**, 1995.

BRANDÃO, L.; SMITH, V.; SPERB T. M.; PARENTE, M. A. M. P. Narrativas intergeracionais. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 2006.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

DEL CIAMPO, A. L.; RICCO, GARCIA, R.; ALMEIDA, C. A. N. **Aleitamento Materno**: passagens e transferências mãe-filho. São Paulo: Atheneu, 2004.

EUCLYDES, M. P. **Nutrição do Lactente**: base científica para uma alimentação saudável. 3. ed. Viçosa: Suprema Gráfica e Editora, 2005.

GIUGLIANI, E. R. J. O aleitamento materno na prática clínica. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, 2000.

GONÇALVES, A. C.; BONILHA, A. L. L. Crenças e práticas da nutriz e seus familiares relacionado ao aleitamento materno. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 2005.

GUSMAN, C. R. **Os significados da amamentação na perspectiva das mães** [dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Universidade Federal de São Paulo, 2005.

ICHISATO, S. M. T; SHIMO, A. K. K. Aleitamento materno e as crenças alimentares. **Rev Lat Am Enfermagem**, 2001.

KING, F.S. **Como ajudar as mães a amamentar**. 4ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

LACERDA, E. M. A. **Práticas de Nutrição Pediátrica**. São Paulo: Atheneu, 2002.

LANA, A. P. B. **O Livro de Estímulo à Amamentação**. São Paulo: Atheneu, 2001.

MACIEL, E. C. S. **Atuação da enfermagem no incentivo ao aleitamento materno no município de Inhapim**. 2006. 60f. Monografia (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Ipatinga, 2006.

MARQUES, E. S.; COTTA, R. M. M.; PRIORE, S. E. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.5, 2011.

MOREIRA, M. A; NASCIMENTO E. R. Representações sociais de mulheres de três gerações sobre práticas de amamentação. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2013.

NAKANO, M. A. S; REIS, M. C. G; PEREIRA, M. J. B; GOMES, F. A. L. O espaço social das mulheres e a referência para o cuidado na prática da amamentação. **Rev Latino-am Enfermagem**. Março-Abril, 2007.

STUART, G.; LARAIA, M. T. **Enfermagem Psiquiátrica, Princípios e Prática**. 6ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

VAUCHER, A. L. I.; DURMAM, S. **Amamentação: Crenças e Mitos**. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.7, p. 207–214, 2005.